

UMA OBRA-PRIMA DE

PT

Vasco Pereira Lusitano

«VIRGEM DEL BUEN AIRE»



Vasco Pereira Lusitano (Lisboa, c. 1536/1537-Sevilha, 1609)

Virgem del Buen Aire

1603

Óleo sobre tela

189 x 135 cm

Depósito, Coleção particular, 2020

Um generoso depósito do casal Mme Odile Pereira e M. Armando Pereira possibilita ao Museu Nacional de Arte Antiga mostrar, nos próximos cinco anos, uma das melhores obras do pintor português radicado em Sevilha, Vasco Pereira Lusitano (1536/1537-1609): a *Nuestra Señora del Buen Aire*, proveniente da coleção dos Viscondes de Palma, datada de 1603, uma magnífica composição em que a Virgem aparece entre São José e Santa Ana, rodeada de Santos e dos Reis Magos e que espelha toda a evolução do pintor que aqui recolhe elementos da sua aprendizagem com o italianizado pintor sevilhano, Luis de Vargas e os mistura com a exuberância decorativa do Maneirismo flamengo.

A *Virgem del Buen Aire* foi pintada para a igreja da irmandade homónima que reunia, no bairro de Triana, os mestres, capitães e donos de navios que se dedicavam ao comércio com as Américas. Fundada ainda na primeira metade do século XVI, esta irmandade, ou «universidade dos mareantes», nome pelo qual também era conhecida, é documentalmente referida a partir de 1555, instalando-se em 1573 junto ao Guadalquivir, numa igreja e hospital então inaugurados, e que foram a sua sede até 1704, altura em que se mudaram para o Real Colégio de San Telmo. Segundo os seus Estatutos e Regimento, aprovados pelo arcebispado de Sevilha em 1561 e 1562, e pelo rei Filipe II em 1579, a irmandade dedicava-se à assistência aos mareantes, à proteção social dos reformados pobres, órfãos e filhas dos navegadores e ao resgate dos marinheiros aprisionados por piratas ou nações inimigas. Como boa parte da riqueza da cidade, então a maior da Península, se baseava no comércio com as Américas, facilmente se percebe a importância desta obra de Vasco Pereira. A pintura permaneceu na posse da irmandade sevilhana até 1845, altura em que passou à coleção dos Viscondes de Palma, em Palma do Condado (Huelva), em cuja família permaneceu até data recente.

VASCO PEREIRA LUSITANO

Vasco Pereira nasceu em Lisboa, entre os anos de 1536 e 1537, provavelmente de uma família com raízes em Évora, como ele próprio menciona numa das suas obras. Aprendeu pintura em Sevilha com um dos mais importantes pintores italianizados de meados do século XVI, Luis de Vargas (1502/1506-1567), que foi também o mestre de Francisco Venegas, um pintor sevilhano que se viria a estabelecer em Lisboa. Antes de 1562, tinha já deixado a oficina de Vargas e, nesse ano, como pintor autónomo, assinava um *São Sebastião* na igreja de Santa Maria de la O de Sanlúcar de Barrameda, a mais antiga pintura que se lhe conhece. Outras obras, como a predela da *Natividade*, do Museu Nacional de Arte Antiga, de 1575, a *Anunciação*, da Igreja de San Juan Bautista de Marchena, o *Santo Onofre*, do Museu de Dresden (1583), pintado para uma capela do Pátio de los Naranjos da Catedral de Sevilha, ou a *Virgem com o Menino e Anjos Músicos*, do Museu Carlos Machado (1604), proveniente do colégio dos Jesuítas de Ponta Delgada, documentam a atividade deste pintor, um dos melhores mestres sevilhanos da sua geração e, certamente, o mais importante pintor português radicado no estrangeiro na segunda metade do século XVI. Vasco Pereira, à semelhança de outros artistas sevilhanos, era um pintor bastante culto, com uma enorme coleção de gravuras e uma biblioteca de 241 livros, um número invulgar de obras para alguém sem formação universitária. Em 1599 foi eleito para a direção da corporação dos pintores sevilhanos, assumindo uma primazia entre os mestres locais, que só lhe podia então ser disputada por Alonso Vázquez, com quem de resto se associou, e Francisco Pacheco, o culto pintor sogro de Velázquez. Vasco Pereira foi ele próprio iniciador de uma linhagem que, passando pelo seu genro, Antón Pérez, chegaria a Murillo.



A pintura agora exposta no MNAA, para além de aumentar a coleção com uma importante obra deste mestre nascido em Portugal, permite apresentar um exemplo raro nas nossas coleções do tardo-maneirismo sevilhano que, em breve abriria a pintura espanhola aos alvares do Naturalismo do Siglo de Oro. Trata-se certamente de uma das melhores obras de Vasco Pereira, notável quer pela composição do largo grupo de figuras, quer pela exuberância de tecidos, joias e peças de ourivesaria que mostra, numa riqueza formal e decorativa anunciadora do Barroco.

O Museu Nacional de Arte Antiga não pode deixar de expressar a sua profunda gratidão aos proprietários da pintura, Mme Odile Pereira e M. Armando Pereira, por este generoso depósito, agradecimento que estendemos ao Dr. João Magalhães, da Sotheby's de Londres, por ter contribuído para que o mesmo se tornasse possível.

JOC